

# REVISTA DE CABO VERDE

EDITOR RESPONSÁVEL

Abílio da Cruz Madeira

Director — L. LOFF DE VASCONCELLOS

S. Vicente de Cabo Verde

IMP. DE LIBANIO DA SILVA

R. do Norte, 91 — LISBOA

## ASSIGNATURAS

De Junho proximo em diante (Pagamento adiantado)

### PORTUGAL E ILHAS ADJACENTES

Anno..... 1\$200 — Semestre..... 700

### GUINÉ, ANGOLA E S. THOMÉ

Anno..... 2\$500 — Semestre..... 1\$400

### OUTRAS POSSESSÕES PORTUGUEZAS

Anno..... 2\$800 — Semestre..... 1\$700

Numero avulso..... 50

## ANNUNCIOS

Contracto especial



## VIRIATO FONSECA

Este nosso intelligente e illustrado compatriota dignou-se aceitar o encargo de redigir os artigos de fundo para a nossa *Revista*, dando já hoje o seu primeiro artigo.

Registamos com prazer este facto, e aqui consignamos o nosso reconhecimento ao talentoso e prestimoso filho de Cabo Verde.

O DIRECTOR.

## ESCOLA D'ARTES E OFFICIOS EM CABO VERDE

É deveras grandiosa a evolução scientifica de todos os ramos da actividade humana n'este ultimo quarto de seculo.

Pelo unico esforço do cerebro humano, a metaphysica e o empirismo cederam o passo ás justas leis da sciencia.

A metaphysica e o empirismo a que principalmente se subordinaram os homens, desde os tempos mais remotos até ao meado d'este seculo, foram levadas de vencida, como era natural, pelo esforço gigantesco da intelligencia humana guiada pelo estudo e desejosa de conhecer os intimos segredos da natureza.

D'este desejo, que por vezes foi ancia, nasceu a sciencia. A observação methodica dos factos e das coisas; a analyse systematica dos multiplices elementos da natureza; e a indução rigorosa, foram solidos alicerces para n'elles se assentar o grandioso edificio, onde hoje se archivam as leis que regem o universo.

E que enorme campo de observação tinha o homem, para estudar e investigar!

Desde a terra onde habita até aos espaços interplanetarios, que forças tão bem reguladas, que principios tão methodicamente dispostos, se apresentavam á sua mente maravilhada, predispondo-o ao estudo!

Desde o pequeno arbusto que nasce, cresce e dá fló-

res e fructos; desde a pedra que cae; a agua que corre; o ar que se respira; o fumo que se eleva; o coração que pulsa; o cerebro que pensa; o calor, a luz, a electricidade; a nuvem que se forma; o furacão que esbraveja até aos astros que nos illuminam e aquecem, tinha o homem motivo para cogitações vastas, procurando achar as causas, origens e finalidades das accões e das cousas.

Pequeno como era, perante a grandiosa obra do Creador, o homem não esmoreceu. Pelo contrario, resolute e impávido marchou ávante e dia a dia, passo a passo, com insano trabalho e por vezes victimado em meio do seu arduo labor, conseguiu, comtudo, demorar aquellas forças, estudar aquellos principios, rasgar a terra e devassar o ceu.

É a lucta foi grandiosa, homérica, titanica!

Quantos pagaram com a vida o sublime arrojio de quererem sujeitar a sua vontade as forças da natureza.

Bellos, os heroes da sciencia!

Sublimes, as suas victimas!

E chegou um tempo em que o vapor d'água, pela sua enorme expansibilidade, fez andar locomotivas e transatlanticos; a electricidade transmittiu a força a distancia e deu a luz que deslumbra; a alavanca rasgou montanhas, diminuindo-se as distancias e unindo-se os mares; o microscopio observou o infinitamente pequeno e o telescopio o infinitamente distante.

Um tempo em que o barometro predisse a tempestade; o thermometro mediu o calor; a analyse espectral definiu a constituição do sol; a astronomia prescutou e legislou a gravitação universal; a mechanica estudou as leis da inercia e do movimento; as mathematicas puras pelo calculo integral e differencial marcaram os principios das sciencias exactas; a chimica pesou o atomo e quasi comprovou a unidade da materia; a physica, depois de estudar o som, a luz e o calor, alastrou-se pelos vastissimos campos da electricidade, deixando maravilhada a humanidade pelo seu incessante progredir; o biologia e a palcontologia, caminhando ao par, estudaram as leis da vida, indo buscar os seus conhecimentos aos vestigios das gerações passadas; a sociologia precisou as questões politico-sociaes; a economia politica estudou as leis da riqueza e a uniformidade da sua distribuição.

Chegou um tempo em que se construiu a palavra e se reproduziu o som pelo phonographo; em que se estudou a vida e modo de ser dos milhões de microbios, bacillas, bacterias e finalmente dos micro-organismos que constituem o mundo dos infinitamente pequenos na sciencia micrologica; em que se annullou quasi por completo a opacidade dos corpos, devido á maravilhosa descoberta do sabio Røgteu.

Emfim um tempo em que a architectura, a mechanica, a navegação, a astronomia, a medicina, a arte da guerra e em geral todas as artes, industrias, profissões e actividades do espirito humano se sentiram engrandecidas e exalçadas pelas conquistas da sciencia e em que a humanidade pela rigorosa applicação dos principios scientificos, quasi se divinizou.

E então o homem caminhou com passos seguros por entre os phenomenos naturaes que se lhe iam defrontando; então produziu mais e melhor.

E a sciencia que elle adquirira, em troca de tanto trabalho, deu-lhe a satisfação. E desde o *nasce te ipsum* até aos mais variados conhecimentos, até aos mais levantados vãos da intellectualidade, elle ponde alar-se, mercê d'essa mesma sciencia.

Tudo explicou ou tentou explicar, e se o não conseguiu por completo, foi isso devido, já á enormidade e arranjo dos phenomenos naturaes, já ás lacunas que ainda existem no conhecimento das forças e leis que regem o universo.

E assim, pois que a sciencia tudo explica ou explicará, tudo ensina e tudo orienta, é a philosophia na rigorosa accepção da palavra, a aspiração mais valente que o homem deve possuir, porque assim tambem melhor poderá caminhar para o seu fim, e assim melhor comprehenderá, admirará e respeitará a causa última, origem e fim de tudo, o Creador do Universo, o Deus Supremo.

É isto a theologia natural.

É isto a sociologia.

Fecundar a reacção humana com solidos e verdadeiros principios; mostrar-lhe as leis porque se regem os phenomenos da vida do Universo; indicar-lhe o caminho do Perfeito e do Bello, isto é, abrir-lhe á sua observação e estudo os vastissimos horisontes da sciencia; é propugnar a fé em Deus, é purificar a nobreza das sociedades.

A instrucção augmenta o Bem e diminue o Crime.

E como a sciencia progride sempre, accumulando principios para á formação de novos conhecimentos, preciso se torna caminhar com ella na sua prodigiosa evolução.

Todas as nações, compenetradas d'estas verdades, esforçaram-se desde há muito por diffundir nos seus domínios a religião da sciencia.

E todas as nações conservam carinhosamente guardada na sua historia a memoria dos homens que, pelo seu esforçado estudo, tiveram na terra a classificação de sabios.

E semelhante ás estrellas, que tendo deixado de existir ha muito tempo, continuam ainda a emitir scintillações luminosas, em virtude da sua enorme distancia á terra, tambem o sabio tendo desaparecido d'entre os vivos, continua pelos seculos adiante, á illuminar a humanidade com a vibrante luz da sua sciencia, e isto pela enorme distancia a que aquella estava do seu saber.

A sciencia faz fé porque prova; progride porque é verdadeira; convence porque tudo explica.

\*  
\* \*

São dinamometros reguladores da civilisação e progresso d'um povo, a arte e a industria.

A arte, tendendo a reproduzir o bello, nas suas formas ideaes, por ontras physicas e palpaveis, precisa de uma afinção intellectual, característica, que a sciencia completa. A sensibilidade artistica augmenta, avigora-se pela sabedoria; a intuição do bello só a pôde ter um cerebro illustrado.

A reproducção do bello ideal, requer conhecimentos estheticos, morphologicos, de ordem e harmonia, que somente podem ser adquiridos por aturado e methodico estudo.

A industria, a grande machina dos povos, tem por fim transformar as riquezas naturaes de maneira a po-

derem ser utilizadas pelo homem na satisfação das suas necessidades. E como a industria tem processos, estes caminham para a perfeição cada vez que a sciencia os acompanha e ajuda com as suas leis.

E como as necessidades variam n'um paiz, familia ou individuo, proporcionalmente á sua civilisação e progresso, evidente é que as industrias seguirão a mesma lei de proporcionalidade.

A rapida transformação evolutiva que alguns povos vão soffrendo, é motivo imperioso para que os que se prezam, aquelles que possuem tradições historicas e nobres e tem razão de ser, para existir e tambem aquelles que ora vão apparecendo e na sua ignorancia e fraqueza caminham com passo incerto na vida das nações, se acatelem e relembrem um dos quatro principios em que *Darwin* fundamentou a sua theoria, o da evolução. *Na lucta pela vida o fraco cederá ao forte.*

E para não ser fraco e para progredir é preciso estudar.

Expendido este primordio de doutrina, que por ser a melhor e porventura a unica verdadeira não soffre contestação, applical-a-hemos ao archipelago de Cabo Verde, nossa patria querida e á qual desejamos o maior numero de prosperidades.

Não tem Cabo Verde, já por incuria propria, já por esquecimento dos dirigentes, a illustração consentanea com a sua posição geographica e com a sua importancia politico-social.

Sendo a arte e a industria os dynamometros da civilisação, vejamos na sua escala aferidora qual o logar occupado por Cabo Verde.

A arte e a industria caboverdeana, fazem recuar este importante archipelago para os tempos ante-mediavaes.

A arte, reduzida tão somente a alguns excerptos poeticos caminha incerta, sem escola e na maior parte das vezes sem os primordiaes alicerces que são tudo em todas as coisas.

Lirismos, bucolicas e algumas vezes nada.

Raros são aquelles que pelas suas poesias, demonstram verdadeiro conhecimento da arte no seu mais sublime aspecto. Demonstram sim, intelligencia, primordios de intuição artistica e vontade, mas falta-lhes a sciencia e a escola que illuminam o artista.

Não ha um livro, uma obra que forme escola e defina o *modus* litterario e scientifico d'esta quente provincia africana.

Honra, porém, aos poucos que ainda trabalham e se mais não provam, mostram comtudo exuberantemente que ha cerebros e intelligencias em Cabo Verde.

As industrias no archipelago, são todas rudimentares. A confecção de objectos de palha na Brava e rudimentar; a manufactura de artigos de barro na Boa Vista é rudimentar; a tecelagem tambem; o trabalho da canna saccharina e a factura dos seus productos é feita por processos atrazadissimos; a pesca e a preparação do peixe, salgado é primitiva; emfim a arte de carpinteiro, do pedreiro, do serralheiro e todas as congeneres não mais se distinguem em progressos.

E assim, Cabo Verde, que pelas innumeradas qualidades caracteristicas dos seus habitantes, poderia e deveria occupar na escala social um logar mais elevado, vegeta e definha corroído pela ignorancia, pelo trabalho desordenado e pela lepra do imposto e do indifferentismo.

Triste sorte!

E comtudo reconhece-se sem muita difficuldade que os filhos de Cabo Verde são naturalmente intelligentes e tem todos os quesitos necessarios para se illustrarem e educarem. São de indole pacifica, não tendo os

assomos guerreiros que hõrbulham nas demais colonias de Portugal. São soffredores, economicos e hospitaleiros.

E a qualidade predominante que os torna merecedores de melhor sorte é a facilidade de assimilação cerebral que possuem.

Ensinados, orientados, submettidos ao methodo scientifico muito se obterá d'elles como cerebros e braços productores e como homens para a sociedade hodierna.

E Portugal, o velho heroe, tão cheio de nobres tradições, bem precisa no actual momento historico de braços e de homens para a sua regeneração futura.

E as colonias, com seus esforços e os seus productos deverão ser um dia, com certeza, o ponto de partida d'aquella regeneração.

E Cabo Verde, como é colonia e como é patriótico, dará a Portugal, com todo o esforço do seu coração africano, quando elle lh'o exija, tudo o que puder e tiver.

Desenvolvam-se, pois, as colonias e seja tambem lembrado o archipelago de Cabo Verde.

Desenvolvam-se, começando por dar-lhe methodisada instrução.

Pelo que atraz deixamos dito, precisa esta provincia de qualquer cousa, que por meios scientificos faça caminhar evolutivamente as suas artes e as suas industrias.

Nada mais propicio para o conseguimento de tal fim do que a criação no archipelago, de uma escola de artes e officios.

A aptidão especial dos filhos d'esta provincia para variados officios é incontestada e digno de ver-se como elles facilmente e em pouco tempo os apprendem.

Todos quantos teem passeiado por essas ilhas, poderão attestar a verdade d'esta affirmativa, que por ser tão justa não merece discussão.

Mas todos poderão dizer tambem que os productos d'aquelles obreiros, são na maior parte imperfeitos, ou caducos, ou incompletos.

De que se precisa pois?

De uma escola que os habilite a bem produzir, baseada em principios scientificos, orientada pelos processos da moderna sciencia e com a seriedade propria de um estabelecimento de tal quilate.

É isto tão verdadeiro, que varios Senhores Governadores, tiveram em mente no seu plano governativo a criação de tal escola.

A idéa não é nova e por ser velha é que é boa.

Houve tempo para a estudar, discutir e analysar.

Difícil se torna, porém explicar, e extranheza causa o não se ter posto em pratica tão bella quão proficua idéa. Vicissitudes politicas!

O unico processo exequível que Cabo Verde tem á sua disposição, para educar os seus filhos, consiste em envial-os para Lisboa. Porém a educação de um rapaz nas escolas do reino, é carissima e tanto mais, porquanto em geral, os paes se não podem affastar da provincia. E nem todos possuem os cabedaes necessarios para sustentar e provêr a tal despeza.

Para tal fim é preciso ser mais que remediado e estes não abundam.

É verdade que no archipelago ha escolas primarias e ha tambem um seminario-lyceu.

A instrução primaria é a base de toda e qualquer illustração. Ensina a ler e tambem prepara o espirito da creança para mais avantajados conhecimentos. Mas d'ahi até á illustração necessaria e sufficiente para desassombradamente se caminhar na vida vae grande distancia. Ella tão simplesmente facilita e prepara o caminho de quem quer aprender.

O seminario-lyceu dá aos seus alumnos a instrução preparatoria, que já é illustração, mas abstracta, não definida, sem ponto de applicação ou então prepara individuos para a classe sacerdotal, o que aliás é uma profissão altamente respeitavel.

É a unica concretisação scientifica que produz.

Mas nem todos de um paiz podem ser sacerdotes, por varias causas, sendo uma das principaes a que se funda na divisão do trabalho.

E assim, mais justificada se torna, a urgente necessidade de crear-se em Cabo Verde, uma escola de artes e officios, como as ha em Moçambique e na India.

Será a escola dos pobres, que não tem numerario para mandar seus filhos apprender na metropole. E essa escola será tambem uma das vigorosas alavancas que impulsionará Cabo Verde até aos arrayaes da verdadeira civilisação.

É dever santo de todos os individuos honrados, pugnar com affinco pelos interesses moraes e materiaes da sua terra, empregando todos os esforços de que é capaz, inclusivamente, cedendo-lhe a propria vida nos momentos de perigo.

Como filho de Cabo Verde e impulsionados por este principio, aqui deixámos consignada a nossa confissão de fé patriótica.

A Sua Ex.<sup>a</sup> o sr. Governador da Provincia, como funcionario illustrado e intelligente, fazemos appello e chamamos a attenção para as considerações atraz expendidas, certo de que a Provincia de Cabo Verde mais uma vez inscreverá no seu livro de ouro e no seu coração o nome de Sua Excellencia, se de tal melhoramento ella fór dotada.

E agora que Sua Ex.<sup>a</sup> o ministro da Marinha olha com interesse para as colonias, procurando fomentar a sua producção e commercio, facil se torna a realisação em facto de tão utilitaria idéa.

Terminando, diremos que a criação de uma escola de artes e officios na provincia de Cabo Verde é facto de urgentissima necessidade, já pelas caracteristicas qualidades que distinguem os seus filhos, já pela sua posição geographica, e sobretudo, finalmente, pelo abandono atroz a que tem sido votada.

Praia.

VIRIATO FONSECA.



## A MUDANÇA DA CAPITAL

É um facto que se impõe á attenção e ponderação do governo, porque d'este derivariam beneficos resultados para Cabo Verde, e o ministro que decretasse essa mudança gravaria na historia caboverdeana uma pagina gloriosa e brilhante.

Não soffre a menor duvida que a cidade do Mindello de S. Vicente, é muito mais populosa, sadia e movimentada do que a cidade da Praia.

Como importancia commercial, as estatisticas fallam mais alto do que nós.

No anno de 1896, a importação da cidade da Praia foi de 243:300\$290 réis, e a de S. Vicente elevou-se á cifra de 1.212:703\$759 réis, e se por um excesso de escrupulo se não quizer metter em linha de conta, o valor do carvão importado em S. Vicente, no valor de 892:496\$310 réis, deduzindo-o ainda veremos que

a sua importação foi de 320:207/449 réis, isto é, superior á da Praia, em 76:907/159 réis.

A ilha de S. Vicente está em contacto muito mais directo e frequente com a Europa, do que a cidade da Praia, que apenas duas vezes por mez, recebe a visita dos vapores da Empreza Nacional.

No porto de S. Vicente entram, termo medio, 150 vapores por mez, podendo calcular-se metade d'esse numero, vindó do norte.

É raro o mez que a S. Vicente não chegue algum navio de guerra estrangeiro, e na occasião da guerra hispano-americana, aqui esteve 30 dias a celebre esquadra de Cervera.

Quando se levanta a ideia da mudança da capital, o unico argumento que os da Praia oppõem, é que S. Vicente não tem recursos proprios, isto é, que para viver precisa que de fóra lhe venham os viveres.

Mas, em Londres, Paris, Berlim, e em todas as grandes e ricas capitães da Europa, não se plantam couves, nem se semeiam trigo, arroz, nem se faz criação de gado: tudo isto lhes vem de fóra e até mesmo do estrangeiro.

Ora, S. Vicente não precisa para elleiro mais do que a ilha de S. Antão, distante d'ella apenas algumas horas de viagem, e a prova teve-se quando cá esteve a esquadra hespanhola: não faltou a mais insignificante coisa, que de bordo se requisitasse, sem ser preciso recorrer á cidade da Praia.

Tambem argumenta-se que n'estas occasiões os generos augmentam consideravelmente de preço.

Não é tanto, como se pretende dizer, mas que o fosse, isto succede na propria cidade da Praia, quando uma vez por anno ali vae a fragata franceza *Ephigénie*.

Ora, em S. Vicente, ainda 6 fragatas d'estas não influem para haver alteração alguma nos preços dos generos.

E afinal em que consistem as difficuldades para a mudança da capital?

A nosso vér, unicamente em uma coisa: no encaixotamento da papellada, velha da secretaria e repartição de fazenda, para S. Vicente.

E as vantagens? Muitas.

— Obrigar a residencia effectiva dos governadores, n'esta ilha, para as recepções officiaes do estado maior dos navios de guerra estrangeiros, e a representação d'esta colonia.

— A boa marcha dos negocios publicos, attenta á maior frequencia de communicação em que S. Vicente está com as outras ilhas do archipelago.

— Completar-se a importancia commercial de S. Vicente, trazendo-lhe novos elementos de vida, o que em nada affectaria o commercio actual da cidade da Praia, porque sendo o seu commercio principal com os indigenas, estes lá ficariam.

— Introduzir em S. Vicente a alta burocracia, para melhor se discutir e estudar os melhoramentos materiaes e o aperfeiçoamento moral da provincia, aproveitando-se os bons elementos de civilização, de progresso, de actividade e de riqueza, existentes n'ella.

— Estar esta ilha em contacto mais directo com a metropole, e, portanto, facilitar o governo da provincia na resolução de propostas urgentes, no esclarecimento de duvidas que se apresentam a cada passo na administração publica.

— Centralisar em S. Vicente a administração publica da provincia, e poder vigiar-se melhor as intenções dos navios de guerra estrangeiros que visitam o porto de S. Vicente.

— Oppôr com novos elementos de vida á desnacionalização que se está operando em S. Vicente, tanto politico como materialmente.

E finalmente, centenas de considerações de facil intencção, reclamam instantemente a mudança da capital da provincia para S. Vicente, e para a sua realização não bastaria mais do que uma pennada.

S. Vicente.

SILVA CAMPOS.



## AS CRISES ALIMENTICIAS NO ARCHIPELAGO DE CABO VERDE

As causas determinantes d'este terrivel flagello que, mais ou menos grave e horrorosamente tem, por vezes, assolado este archipelago estão ainda desconhecidas, embora innumeradas indicações alvitradas, algures, as attribuem á este ou aquelle factor.

A solução d'este problema é difficilima, attentas as condições climatericas do archipelago; todavia, não nos parece ella impossivel se os nossos conterraneos, com o reconhecido amor patrio, que os caracteriza, secundarem, com todos os seus esforços, os louvaveis empenhos do solícito e intelligente governador da provincia, o ax.<sup>mo</sup> sr. dr. João Cesario de Lacerda.

É sabido que após um anno de estiagem, ou ainda de chuvas insufficientes e irregulares, é inevitavel uma crise alimenticia, trazendo, como se sabe, a fome, a miseria e o desanimo aos povos do archipelago.

Acontece com os infelizes Caboverdoanos, em periodos mais ou menos breves, que, depois de arrotar o terreno com afan, de empregar o cabedal adquirido á custa do mais penoso labor, e, antes que os fructos cheguem á maturidade, vel-os seccar e estiolar-se. E, nada mais desconsolador para aquelles que, por dever, teem de olhar para o povo, com essa perspectiva da Fome. Quando ella chega, e bate á porta dos párias, instilla e mesmo desconsolo no coração do remediado como no do miseravel.

Subsistindo este estado de coisas torna-se impossivel o desenvolvimento e progresso da nossa querida colonia, sendo certo que essas crises calamitosas absorvem todos os seus recursos e perturbam, sem duvida, a sua vida economica.

A solução do problema, pois, impõe-se. E é dever imprescindivel de todos, os que desejam a prosperidade do seu paiz natal, estudar, procurar alvitres, adivinhar, se possivel fôr, os meios para combater e debellar o mal que, a natureza sempre caprichosa em suas operações, nos inflige, de tempos a tempos. E, conseguido isto, teremos a consciencia de haver prestado um relevante serviço á terra que nos viu nascer e incontestavelmente direito á sympathia de todas as pessoas, que se interessam pela humanidade flagellada.

Compulsando os boletins da provincia vê-se exuberantemente que ao Governo não cabe a minima responsabilidade d'este lamentavel estado de coisas, porque as providencias succedem no sentido de arborisar a provincia, que tambem, segundo cremos, ella realisada, concorrerá, de um modo efficaz, para modificar favoravelmente as condições climatologicas d'estas ilhas do archipelago, tornando-se assim as chuvas mais abundantes e regulares.

A responsabilidade pertence unica e exclusivamente

a nós, que adormecido na abundancia de um anno bom, olvidamos, bem depressa, infelizmente, os males que soffremos durante a crise; e d'ahi os resultados funestos que colhemos: as crises, a emigração, e, ás vezes, a morte a levar-nos os filhos, mesmo a despeito de todos os soccorros que o Governo, sempre solícito, sempre humanitario nos dispensa.

Tratemos, pois, da arborisação.

Para combater o desleixo e a indolencia de alguns e a falta de cumprimento de deveres de muitos, cumpre, tomar a peito esta questão.

Tornar obrigatoria aos concessionarios de terrenos a arborisação parcial d'elles; e, não se observando isto, tornar-se nulla a concessão, passando novamente para o Estado a posse dos terrenos concedidos, n'um praso de cinco annos.

Estabelecerem as municipalidades multas rigorosas para os que cortarem e estragarem arvores, sem ser em pódas de reconhecido fim de as desenvolver.

Fazer com que os administradores dos concelhos, sob penas de rigor, fiscalisem o cumprimento das disposições que hajam de ser postas em vigor.

Ora emquanto o desenvolvimento da arborisação não attinja proporções de exercer influencia nas condições meteorologicas da provincia, não vem fora de proposito transcrever a seguinte noticia, sobre o *Bageri*, cuja cultura de facil desenvolvimento e mais resistente a séccas, pôde, até certo ponto, remediar nos annos de crise.

#### Bageri

Grão mais miudo e mais trigueiro que o trigo, cana como a do milho da grossura de um dedo, altura até nove pés.

Na península de Guzarate entre 21° e 22° de latitude norte, onde ordinariamente não chove senão duas ou tres vezes no anno, sendo por conseguinte pouca e precaria a cultura do trigo, arroz, e milho, é o *bageri*, planta pouco sequiosa, o principal alimento dos habitantes, que o acham nutriente e saudavel. Tambem é muito boa ração para animaes.

Humedece a farinha com agua, temperam na com sal, amassam-na sem a deixar levedar, e fazem d'ella bolaxas a que dão o nome de *ápa*, que assam sobre pratos de barro; ás vezes sobre uma telha. Em quanto quente a *ápa* de *bageri* é gostosa e tenra; barrada com manteiga é assaz boa para supprir o pão no almoço de chá, de uma pessoa acostumada ao trigo; é de côr cinzenta, e no sabôr faz lembrar o centeio; fria endurece e perde o gosto: por esta circumstancia fazem a *ápa* proximo da occasião da comida. Ordinariamente amassam entre as mãos um punhado de farinha que reduzem a bóla, e depois achatam com as palmas para lhe dar a fórma de bolacha.

A *ápa* de trigo é melhor que a de *bageri*, mas carece de manteiga para ficar tenra, o que a de *bageri* não precisa. Os christãos de Diu, que sabem fazer pão de trigo, dizem que se não pôde panificar o *bageri*; tambem não sabem panificar o milho.

No Guzarate cahem ordinariamente as primeiras chuvas pelo S. João; é quando se pôdem lavar as terras, e semear o *bageri*. Se este depois de semeado apanha uma pancada de agua, vinga, posto que infezudo; se apanha duas ou tres, produz abundantemente. O tempo da colheita é em Outubro. Custa em Diu uma pataca um sacco de *bageri*, que conterà seis alqueires proximamente. Se se quizer mandar vir para semente, deve ser comprado nos mezes proximos da colheita, antes dos calores d'abril; e se não poder ser transportado em barricas ou pipas, o que se acha facilmente

em Gôa, que seja misturado com cinza, que é como os habitantes de Guzarate preservam o grão do bicho que o destroa.

Finalmente o que é preciso é secundar os esforços do Governo, mais que discutil-os.

Tratar de empregar homens idoneos para os respectivos ramos de serviço de arborisação e em questões de estudos technicos, ter em lembrança a proposta de um deputado sobre a sementeira da *Urzella* (*lichen rocella*) em Cabo Verde.

Este nosso alvitro, não salvará a patria, mas emquanto não vier outro melhor, é um alvitro.

Animará os que melhor entendem e menos fallam.

Brava.

PEDRO ROGERIO LEITE.



## PEDIR OU EXIGIR

Como, no n.º 2 d'esta *Revista*, eu exigisse escolas para os caboverdeanos, pessoa de incontestada seriedade, em carta muito prolixa e substanciosa, me faz ver que, antes de exigir com esteril entono eu devia pedir com proveitosa humildade.

Li a missiva, apreciei-a e muito me detive a pensar antes de responder com estas linhas, cuja publicação sollicito ao ex.<sup>mo</sup> director da *Revista*.

Pensei muito para que, em razão da minha rudeza e incultura, não fosse a resposta desatrear da advertencia.

Afoguei a formidavel gargalhada que, em ondas, me subia do peito; deixei-me serenar e comecei esta breve resposta.

Eu não peço aquillo que, posto que me tenha sido negado, por direito, meu, exijo.

Aquelles que as más dependencias têm acostumado a julgar alheias as cousas proprias; esses corações pusillanimes que sentem frio á perspectiva dos males phisicos, — que o façam; eu não, que me não assusta o fero aspecto das tempestades; antes as chamo com toda a minha alma, no silencio evocativo das minhas cogitações, como quem só nas tempestades vê remédio para esse cerrado nevoeiro dos nossos horisontes politicos.

Eu exijo para o povo aquillo que, de direito sei ser do povo; porque, sobre o facto de lhe ser negado não provar que lhe não seja devido, — pôde muito bem o não dar hoje, preparar o ter que dar amanhã.

É a marcha fatal das cousas, ou ellas se refiram a grandes acontecimentos historicos, — como o negar-se, por bem, regalias a Cuba e ter-se de lhe dar, á força, a independencia, — ou digam respeito a pequenos factos, como recusar-se instrucção a meia duzia de creoulos e elles á custa de sacrificios imporem a sua vontade.

Por isso exijo; não peço.

Quereis saber quem sou eu para exigir? Sou uma vontade e, por conseguinte, uma força.

Negam a luz ao povo, porque a instrucção na alma do povo é como um feixe de raios em mãos de archaujos.

É tempo de se convencerem todos, de que dar escolas e estradas ao povo, não é um favor que se lhe faz; é uma divida que se lhe paga.

Por isso exijo; não peço.

«Não hei de pedir pedindo, disse o padre Antonio Vieira, senão protestando e argumentando; pois esta é a licença e liberdade que tem quem não pede favor senão justiça.»

E. TAVARES.



## DR. JOSÉ A. FERRO

Realizou-se no dia 1 de março, no esplendido salão do sr. A. Vera Cruz, uma *soirée* em honra e despedida do sympathico e illustre clinico, dr. José Ferro, que lhe foi offerecida por um grupo de amigos.

Concorreu a ella a *elite* da sociedade mindellense, dançando-se animadamente até ás 6 horas da manhã, e trocando-se affectuosos e entusiasticos brindes.

Todos os cavalheiros se apresentaram rigorosamente vestidos de casaca, e as senhoras ostentavam lindas e variadissimas *toilettes*.

Emfim, tudo correu admiravelmente, e todos que assistiram a tão deslumbrante, como sympathica, sincera e expontanea manifestação, hão de conservar d'ella agradável e perduravel recordação.

No dia 5 embarcou o dr. Ferro para Lisboa, a bordo do vapor *Nile*, da Mala Real Inglesa, sendo acompanhado por grande numero de amigos, succionarios publicos e commerciantes d'esta cidade.

Foi uma merecida e justa manifestação feita ao joven e illustre clinico, que soube conquistar em meia duzia de dias que aqui esteve, a verdadeira estima e consideração de todos.

S. Ex.<sup>a</sup> foi louvado pela Camara Municipal d'este concelho pelos relevantes serviços prestados ao povo, na epidemia da coqueluche que grassou n'esta cidade nos mezes de novembro e dezembro findos, auxiliando com inexcusable pericia, desinteresse e humanitarismo, os outros medicos da localidade.

Tambem o povo formou uma mensagem de reconhecimento ao distincto clinico, cuja copia foi depositada nos archivos d'este municipio, seguida de mais de duzentas assignaturas.

Damos abaixo publicidade á acta da sessão extraordinaria d'este municipio, referente ao dr. Ferro, por ser um documento muito honroso para S. Ex.<sup>a</sup>.

*Sessão extraordinaria de 25 de fevereiro de 1899.*— Aos vinte e cinco de fevereiro de mil oitocentos noventa e nove, n'esta cidade do Mindello da ilha de São Vicente e sala dos paços do concelho, se reuniram em sessão extraordinaria, sob a presidencia do primeiro, os srs. Augusto Vera Cruz, Filippe Gomes Vieira, Luiz Loff Vasconcellos e Isidoro José Martins, faltando, por motivo justificado, o sr. Raul Ferro.

Achando-se presente o sr. administrador do concelho substituto, Sebastião José Barboza, foi aberta a sessão ao meio dia, sendo lida e assignada a acta de dezesseis do corrente, approvada, rubricada e mandada lançar a minuta da do dia vinte e tres.

Em seguida o sr. presidente, justificando em breves palavras o motivo d'esta reunião extraordinaria, disse:— Que tendo grassado n'este concelho durante os mezes de novembro e dezembro a epidemia da coqueluche com uma intensidade assustadora, atacando sobre tudo a classe pobre, houve um medico distincto que se prestara a auxiliar os outros medicos, fazendo gra-

tuosamente a clinica, correndo pressurosamente á casa de todos os que necessitavam de auxilio medico a prestar-lhe os recursos da sua sciencia, conseguindo arrancar dos braços da morte centenas de desgraçados atacados d'essa doença e que fatalmente pereceriam, se não tivessem encontrado á sua pobre e miseravel cabeceira a dedicação possante d'esse clinico infatigavel e eximio.

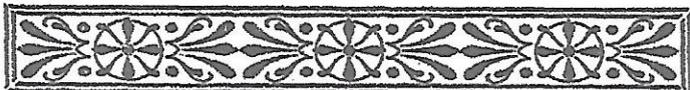
Que actos tão sublimes e philantropicos não devem ficar no olvido, e, se bem que estejam gravados perduravelmente no coração grato e reconhecido d'este povo, devem ficar tambem registados nas paginas dos annaes d'este municipio.— Que o clinico benemerito e illustre que acaba de prestar tão relevantes serviços a este povo, é o ex.<sup>m</sup> sr. dr. José Augusto Ferro, que se tornou credor da admiração e das homenagens mais calorosas e sinceras dos cidadãos d'este concelho.— Que acompanhando, pois, o sentir d'este povo, propunha um voto de louvor ao referido dr. José Augusto Ferro, como demonstração do alto apreço e consideração em que este municipio tomou os serviços prestados por S. Ex.<sup>a</sup>; em conjuncturas tão difficéis e graves, e a forma desinteressada, humanitaria e benéfica como os prestou.

Em seguida a commissão municipal declarou e resolveu unanimemente o seguinte:

Que é do conhecimento de todos os seus membros, os serviços prestados pelo ex.<sup>m</sup> dr. José Augusto Ferro, referidos pelo sr. presidente.— Que approva a proposta, mandando consignar na acta um voto de louvor e de reconhecimento ao prestante medico que com tanta pericia, proficiencia e aptidão profissional, aliada a elevados sentimentos humanitarios, concorreu desinteressadamente com os recursos valiosos da sua sciencia para debellar a epidemia da coqueluche n'esta ilha.

Que d'esta acta se extraiam duas copias, sendo uma para ser dirigida ao Governo da provincia e outra acompanhada de uma mensagem ao ex.<sup>m</sup> sr. dr. José Augusto Ferro.— O sr. administrador do concelho disse que se associava com prazer á presente resolução da commissão municipal.

E não havendo mais assumpto a tratar, foi encerrada a sessão eram duas horas da tarde; do que, para constar se fez esta acta que todos hão de assignar.— Eu, Antonio Ignacio Nobre, secretario da Camara, a subscrevi e firmo.— (Assignados) Augusto Vera Cruz, Filippe Gomes Vieira, Luiz Loff Vasconcellos, Isidoro José Martins.— Fui presente— Sebastião José Barboza, administrador do concelho substituto.— O secretario, Antonio Ignacio Nobre.— Está conforme. Secretaria da Camara Municipal da ilha de S. Vicente de Cabo Verde, 27 de fevereiro de 1899.— (Ass.<sup>o</sup>) O secretario, Antonio Ignacio Nobre.



## VALES DO CORREIO

A par com a difficuldade existente na remessa de fundos da provincia para a metropole, motivada pela deficiencia de generos de exportação, que não abundam e, por vezes, escasseiam consoante os annos mais ou menos productivos, veio a percentagem, alem do premio dos vales do correio, junto com a prohibição, já existente, da exportação da moeda, agravar a situação.

E não é só sobre o commercio, principalmente dos pequenos commerciantes, mas também sobre os particulares, que se reflectem as dificuldades e os transtornos, creados pela elevação da percentagem dos va-les.

Esta que, desde 1886, foi de 100 réis por cada 5/000 réis, correspondente a 2 0/0, como estabelecia o decreto de 22 de setembro d'aquelle anno, ficou sujeita, desde novembro do anno findo, a ser modificada mensalmente, conforme a media das percentagens que fossem cobradas na praça ou no Banco Nacional Ultramarino.

Assim foi elevada a 1,5 0/0, em portaria provincial n.º 1535 e 1898, a 2 0/0 em portaria n.º 2 do corrente anno e a 3 0/0 por determinação recente, o que corresponde a 5 0/0, com os dois por cento de premio de emissão, percentagem esta relativamente elevada para a transferencia entre esta provincia e a metropole.

Ao tempo da criação do Banco Nacional Ultramarino, tinham os funcionarios do ultramar a vantagem de transferir para a metropole, sem onus, as mezadas ás suas familias ou as pensões para os filhos em educação.

Essa vantagem, aliás justa; acabou não sabemos porque fundamento. A extensão, porém, de emissão de va-les do correio ao ultramar, supriu, de algum modo, aquelle beneficio, facultando ao functionalismo as transferencias com o encargo de 2 0/0.

Hoje, porém, é difficil ao funcionario satisfazer aos seus obrigatorios encargos na metropole com a elevada percentagem fixada, sujeita ainda a subir, como estabelece o artigo 3.º, alinea (a) do decreto de 24 de novembro de 1898.

Seria justo, pelo menos, que se tivesse creado uma excepção á remessa de mezadas e pensões ás familias dos funcionarios, quando provado esse destino, ou que o governo estabelecesse a circulação das cedulas do Banco de Portugal no ultramar, meio que também facilitaria a remessa de pequenas quantias para a metropole.

A.



## PAGAMENTO DE CONTRIBUIÇÕES

Parece-nos que uma das causas que tem concorrido para a miseria que assentou arraial entre o povo de Cabo Verde é a epoca inoportuna do pagamento das contribuições, resultando d'ahi execuções sem numero que como gangrena vão penetrando no povo até á medulla dos ossos.

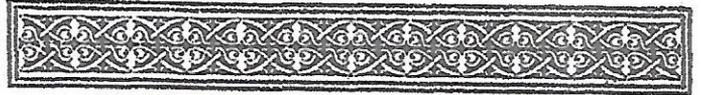
Já se representou mostrando a conveniencia de ser alterado o regulamento de contribuição na parte relativa ao tempo de pagamento com o fundamento seguinte:— Em janeiro, tempo em que se abre o cofre, é também quando se dá principio ás colheitas, e só em abril é que terminam as colheitas de canna saccharina e café e em alguns logares se protelam até maio. Para que pois os contribuintes não sejam forçados a vender os seus productos por menos preço antes de os colher, afim de pagarem os seus debitos á fazenda, era de justiça que o governo, attendendo ao seu pedido, resolvesse que esse pagamento fosse fixado permanentemente em abril, maio e junho de cada anno, sendo os dois primeiros mezes para a cobrança voluntaria e

o terceiro, com juro de mora; e só depois viria a cobrança coerciva. Referimo-nos a todas as contribuições.

Postas as cousas n'este pé creio que não ficaria motivo para queixas.

Santo Antão.

M. M.



## A PONTE-CAES DE S. VICENTE

Vae-se elaborar brevemente o orçamento para o anno de 1899 a 1900, e achamos opportuno chamar a attenção de S. Ex.ª o Sr. Governador para a necessidade urgente da construcção d'uma ponte de desembarque e de descarga que prehenha as exigencias do serviço aduaneiro.

O porto grande de S. Vicente tem tal movimento, que não fica muito aqueim do de Lisboa e do de Leixões; basta dizer-se que no anno de 1898 entraram n'este porto 1444 navios de longo curso, e 720 de cabotagem, havendo uma só ponte em pessimo estado para descarga de mercadorias sujeitas a direitos, de mercadorias livres e desembarque de passageiros.

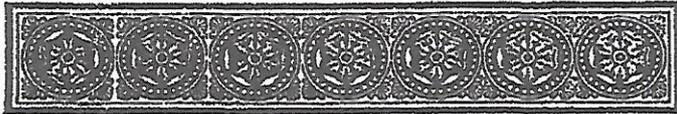
Para desembarque de passageiros, e muito principalmente dos viajantes que de passagem desembarcam n'este porto, é vergonhoso e lamentavel o aspecto de tal ponte, o que os auctorisa a fazerem um juizo bem triste do nosso estado de civilisação e progresso. Para descarga de mercadorias sujeitas a direitos e livres, tem graves inconvenientes, que pedimos a S. Ex.ª o Governador licença de chamar a sua muita attenção: ha occasião em que é tal o numero de embarcações de cabotagem á descarga, e principalmente de lanchas que vem com verdura de Santo Antão atracar á ponte para fazerem a sua descarga, que não deixam os lanchões que vem de bordo dos vapores com carga sujeita a direitos, atracar; de fórma que demora a descarga d'estes, no que o commercio tem grandes prejuizos, já porque tem que pagar mais freté aos lanchões pela demora na descarga já porque se sujeita a roubos e a avariarem-se as mercadorias na epoca das chuvas. Acresce mais, que é tal o ajuntamento de povo na ponte que não permite trabalhar-se desafogadamente; e a causa d'este ajuntamento é o pateo da alfandega não ser gradeado como são todos os das alfandegas, não só do reino como das nossas colonias do sul; o que dá causa a desastres como ha bem pouco succedeu com uma creança que ficou debaixo d'um carro carregado com 15 bárricas de farinha, e que só por um milagre não ficou esmigalhada.

Consta-nos que o administrador da alfandega já mais de uma vez tem reclamado, tanto sobre a ponte, como sobre o gradeamento do pateo; mas as suas reclamações têm sido baldadas.

A alfandega de S. Vicente rende mais da metade da receita orçamental, o que lhe dá jus a fazerem-se-lhe os melhoramentos precisos, como é de uma ponte com dois taboleiros, um para descarga de generos captivos a direitos, outro para descarga de generos livres e desembarque de passageiros. Deve-se attender também que esta ponte tenha comprimento sufficientè para que o vapor das visitas na baixa-mar não tenha que atracar á ponte Millrs, como amiudadas vezes succede. É calamitoso este estado de coisas!

Confiamos que o actual Governador da provincia não deixará de attender a esta urgente necessidade. Não largaremos de mão este assumpto.

MARCOS AURELIO.



## A MADEMOISELLE

(Traduzido de Alfredo de Musset)

Oh! sim, mulheres, vós tendes,  
em nosso fatal prejuizo,  
um poder immenso, eterno!  
Podeis abrir n'um sorriso  
o paraiso ou o inferno.

Duas palavras que bastem...  
mesmo o silencio... um olhar  
distrahido ou zombeteiro,  
podem, sim, apunhalar  
quem vos tem ainor inteiro.

Oh! sim, deve ser immenso  
vosso orgulho, vossa gaia,  
vendo n'essa needade:  
que a esta sómente eguala  
feminil fragilidade.

Mas todo o poder na terra  
tem termo, quando se excede;  
e o homem, de brio, quando  
sabe soffrer, e vos mede,  
se affasta de vós chorando.

E por mais triste que seja  
sua sorte e desventura,  
é mais bello o seu papel:  
prefiro a nossa tortura  
ao vosso mister cruel.

G. DANTAS.



## RESENHA NOTICIOSA

### O ULTRAMARINO

Acaba de apparecer o 1.º numero d'este jornal, redigido pelo sr. Sá Nogueira de Balsemão, e destinado exclusivamente a advogar a cauza das nossas provincias ultramarinas e a defender os seus justos interesses.

O nome do seu illustre redactor em chefe, muito conhecido e respeitado em toda a Africa portugueza, é garantia segura dos bons e valiosos serviços que este orgão ha de prestar ás colonias.

A *Revista de Cabo Verde*, dá-lhe as boas vindas, desejando-lhe muitas prosperidades.

### FALTA DE ESPAÇO

Por absoluta falta de espaço, somos obrigados a retirar alguns artigos, já compostos, que irão no seguinte numero. Esperamos que os nossos estimaveis collaboradores nos relevem esta falta, devido a caso de força maior.

## CIDADE DA PRAIA

Recita.—No theatro Africano teve logar uma recita, no dia 12 do corrente, a favor dos filhos do tenente Reis fallecido em Mossamedes, e que era natural d'esta cidade.

Os protagonistas eram praças da canhoneira *Sado*, e levaram á scena *Por causa d'uma Serafina* e *Nem tanto ao mar*, comedias em 1 acto, bem como differentes monologos e scenas comicas, tudo com o melhor desempenho.

Uma das praças mostrou notaveis qualidades de artista, em imitações aos actores José Ricardo e Rosa.

Foi muito applaudido.

Vales do correio.—Foi elevada a taxa do premio dos vales do correio a 3 0/0, o que corresponde hoje a pagar-se 5 0/0. É muito elevada esta taxa de transferencia.

Soirée.—N'um dos ultimos dias do mez findo, houve uma *soirée* no Club da Praia, muito concorrido e animado. N'elle estiveram os officiaes do cruzador-escóla da marinha de guerra russa *Duc d'Edimbourg*, que aqui esteve fundeado uns 14 dias.

Musica.—A musica do cruzador *Duc d'Edimbourg*, veiu tocar a terra duas vezes; na Praça de Albuquerque.

Chegada.—Veiu de Santo Antão o sr. Viriato da Fonseca, tenente de artilheria com sua familia. Começou, poucos dias depois a *Tuna Praiense* a ter nova vida, com a chegada do seu director. Já se estão ensaiando novos trechos de musica.

Movimento de saude.—Seguiram para Guiné o facultativo de 1.ª classe, sr. Faria, e pharmaceutico de 3.ª classe, sr. Neves e Castro.

Obras da Egreja.—Continuam estas obras, estando concluidos todos os trabalhos externos; vão tambem já adeantados os da capella mór.

Barracão e armazens.—Estão construindo uns na praia da alfandega, em continuação á linha do mata-douro municipal. O desenvolvimento que tem tomado construcções identicas n'aquelle sitio, está pedindo o levantamento de uma muralha e aterro da praia até á ponte fronteira ao ilheu, formando-se ali uma pequena avenida arborisada.

XIMENES.

## SECÇÃO DE ANNUNCIOS

Recebem-se annuncios, tanto da provincia de Cabo Verde, como do reino, ou de outra qualquer parte.

Os annuncios de Cabo Verde, devem ser dirigidos ao administrador da *Revista de Cabo Verde*, em S. Vicente, e os do Reino, á Imprensa de Libanio da Silva, rua do Norte, 91, Lisboa.

### TRABALHOS TYPOGRAPHICOS

L. Loff, administrador da *Revista de Cabo Verde*, recebe encomendas de quaesquer trabalhos typographicos, como facturas, circulares, talões, bilhetes de visita, folhetos, livros, etc. Execução rapida e preços modicos.

### O CRIME DA SOCIEDADE

Romancé original de João Chagas

Á venda no escriptorio de L. Loff S. Vicente.

### ANTONIO GOMES DE OLIVEIRA

S. VICENTE

Grande sortimento de fazendas de algodão, lã, lenços, lotugas, viabos, azule. Preços modicos.